

O IX ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs SÃO LUIS DO MARANHÃO — JULHO DE 1997

João Batista Libanio SJ

Realizou-se entre os dias 15 e 19 de julho de 1997, em S. Luís do Maranhão, o IX Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base com o tema central: *CEBs, Vida e Esperança nas Massas*.

A eloquência dos números

Os números revelam o porte do evento. 2.798 participantes contabilizados no início, representando 240 dioceses (94%) das 255 do país. Estiveram presentes no Encontro uns 60 bispos católicos, um anglicano e muitos pastores evangélicos. Um esplendor de eclesialidade! Pois a Igreja é tanto mais católica, quanto mais união conseguir entre seus fiéis e pastores, e abrir-se ao ecumenismo e diálogo inter-religioso. Por isso, a presença de outras Igrejas cristãs e de outras religiões só vem a acentuar a eclesialidade e não a ameaçá-la. De fato, poucas vezes a Igreja do Brasil fez-se representar tão massiva e significativamente num Encontro.

Toda uma gigantesca infra-estrutura foi armada para a sua preparação e realização. 1.600 famílias acolheram os delegados. Nas equipes de serviço, trabalharam cerca de 1.350 pessoas. Nesse sentido, um acontecimento como esse envolve praticamente toda força viva e participante da Igreja local. Serve de verdadeira missão popular.

O Encontro foi o término de um longo processo que se iniciou no momento em que o VIII Intereclesial encerrava-se em setembro de 1992, na cidade de Santa Maria, RS. Nunca o intervalo entre os Encontros foi tão longo: 5 anos. A assembléia preferiu não repetir a experiência e voltar a fazê-los em intervalos menores, de modo que o próximo está previsto para o ano 2.000, na diocese de Ilhéus, BA.

Os objetivos e metodologia do Intereclesial

Os Encontros e Congressos, em geral, visam a vários objetivos, tais como o estudo, reflexão e aprofundamento de um tema, produção de um texto, celebração festiva, crescimento de consciência de um corpo social, etc. Organizam sua metodologia e procedimento de acordo com o objetivo principal. Os Intereclesiais nasceram com uma finalidade principal e lentamente foram deslocando-se para outra. Assim, os primeiros concentraram as energias no estudo, na discussão de temas candentes no momento a partir das experiências dos participantes e em vista de reformular sua ação. Era o uso bem nítido do método ver, julgar e agir, que orientou a prática da Ação Católica, a *Gaudium et Spes* e a Teologia da Libertação. Os Encontros das CEBs situaram-se nessa tradição. Evidentemente não era um estudo erudito e acadêmico, mas ligado às experiências e práticas concretas dos participantes. Nesse sentido, tinha originalidade própria que os distinguia da academia.

À medida que o número de participantes foi crescendo, o ar de liberdade na sociedade civil aumentando e a caminhada das CEBs firmando-se em torno de pontos consensuais, o acento deslocou-se para a celebração festiva e o reforço da consciência de pertença a esse novo jeito de ser Igreja.

O IX Intereclesial por seu porte situou-se totalmente nessa linha. Os dois objetivos principais ficaram por conta da celebração e da animação em vista de prosseguir a caminhada de CEBs. Considerado sob esse ângulo, o Encontro obteve êxito maravilhoso. Com efeito, os participantes depois de esplendorosas celebrações e de viver um clima contínuo de festa, de alegria, de convivência comunitária, saíram entusiasmados para prosseguirem na caminhada e levarem às suas bases uma palavra de conforto e esperança.

Sempre se ouvem vozes que insistem no objetivo, embora não principal nem mais importante, de avançar também no campo da reflexão em vista de ação mais lúcida. O IX Intereclesial contemplou esse aspecto. Os participantes foram precisamente divididos em blocos temáticos. O tema central "CEBs e massas" foi subdividido em

seis: CEBs e Catolicismo Popular, CEBs e Religiões Afro-brasileiras, CEBs, Excluídos e Movimento Popular, CEBs e Pentecostalismo, CEBs e Cultura de Massa, CEBs e Questão Indígena.

A divisão temática já indicou certa necessidade de valorizar a reflexão. Entretanto, eram blocos também eles numerosos, oscilando entre 400 e 500 pessoas, exceto o bloco dedicado à Questão Indígena que não chegava a 400. Com números tão grandes e com participantes tão heterogêneos quanto ao lugar de origem, ao tipo de cultura, às experiências, os encontros em grupo funcionaram mais como partilha de experiências do que como reflexão teórica. Ou se quisermos, a reflexão vinha incluída embrionariamente nos relatos e nas propostas, sem que fosse explicitada.

A experiência está caminhando na linha de distinguir os momentos. O Encontro Intereclesial seria o momento de assimilar alguns dados já acumulados pela consciência das CEBs em seu processo. Para isso, bastariam as discussões em grupo em termos mais narrativos, as encenações, os plenários com sínteses, algumas intervenções mais suculentas dos assessores. Antes e depois do Intereclesial, seria o tempo para os aprofundamentos, promovendo-se seminários de estudo de diferentes níveis e formas, envolvendo ora só assessores, ora eles com agentes de pastoral e líderes de comunidade, e cursos para as bases.

De fato, na preparação do IX Intereclesial, em nível de assessores com poucos agentes e líderes de comunidade, houve dois seminários de estudo sobre a temática das "CEBs e massas". Além disso, os regionais promoveram encontros de estudo com a presença de assessores. E, por fim, escreveram-se subsídios bem substanciosos como Texto-base do Encontro.

Desta sorte, vem-se ao encontro de desejo explícito, formulado várias vezes nos grupos e plenários, da necessidade de maior formação. Aliás, o pedido de formação por parte dos leigos tem sido insistentemente feito em diversos momentos, como no Congresso Missionário Latino-americano (COMLA V) e em assembleias diocesanas.

Elementos consensuais quanto aos subtemas

Em todos os blocos, a reflexão sempre foi dual. Um olhar das CEBs sobre elas mesmas e outro sobre sua relação com as realidades dos subtemas. Não se tratava de estudá-los em si mesmos, mas enquanto em contraposição às CEBs. Elas perceberam um duplo fato de distância e de necessidade de proximidade.

A distância origina-se da própria natureza das CEBs, seu ritmo de vida, suas exigências de vida comunitária e de compromisso social, sua preocupação com a vida comunitária interna exigindo de seus membros muitas energias. Na imagem elucidativa de um assessor, as CEBs são peixes de aquário, que, embora nadando nos mares, estavam preservados por um anteparo, separando-os dos outros. O anteparo é a marca da diferença, o seu jeito original de ser Igreja. Evidentemente as CEBs não podem nem devem renunciar à sua especificidade e originalidade, para dissolver-se na massa, perdendo sua existência.

Em alguns momentos, a distância era de natureza cultural, às vezes, produzida por preconceitos e, não raro, por desconhecimento em forma de resistência, como no caso referente às religiões afro-brasileiras e às nações indígenas. Em relação à cultura de massa, apareceu certa ambivalência. De um lado, o desejo de resistir e distanciar-se dela por causa de sua carga ideológica e manipuladora, e, de outro, a constatação de sua força avassaladora que envolve a todos, inclusive os membros das CEBs.

Ainda a respeito do distanciamento, as CEBs defrontam-se com a problemática pentecostal também de forma paradoxal. Se, por uma parte, estranham essa forma religiosa por causa de sua alienação política, de outra, incorporam já algumas expressões carismáticas em suas liturgias e em suas reuniões. Em nível de Encontro, conseguiu-se harmoniosa integração entre a clareza crítica, a seriedade e urgência dos compromissos sociais e formas de expressão valorizadoras do emocional, da afetividade, da alegria carismática. Numa mesma celebração, ouviam-se, por uma parte, pesadas palavras críticas da atual situação social, do projeto do governo, unidas a palavras de ordem de ação transformadora e, por outra, aclamações de aleluias.

Nesse sentido, pareceu já consensual, se não no discurso, ao menos na prática, a importância da aproximação das CEBs a certas formas carismáticas sobretudo no contexto das celebrações. No entanto, creu-se que o verdadeiro lugar de encontro com o movimento pentecostal, evangélico ou católico, deva ser o da prática comum em vista do necessitado. As celebrações são momentos anteriores ou posteriores às ações, ora motivando-as, ora oferecendo-as a Deus na alegria da caridade, e nunca substitutivas das mesmas.

Pode-se dizer que o IX Intereclesial veio confirmar como correta a trilha que a teologia da libertação vem percorrendo numa maior integração entre mística e militância (L. Boff, — Frei Betto, *Mística e espiritualidade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994). Consegue-se desta sorte dar uma resposta ao surto religioso do momento, sem capitular diante dele, traindo a vertente libertadora social.

Apareceu, de modo insistente, a necessidade de as CEBs aproximarem-se do mundo moderno da comunicação. Esse desejo manifestou-se sob diversas formas. Antes de tudo, pela procura de melhor formação nesse campo, tanto no nível mais profundo do conhecimento dessa nova forma de linguagem, quanto no nível operacional de saber usar eficientemente tais técnicas. Para as CEBs, o poderoso instrumento mais cobiçado são as rádios comunitárias. Para tanto, conscientizaram-se da importância de lutar no plano da legislação, forçando o governo a produzir leis que garantam ao povo, às associações e às comunidades populares o direito de instalar rádios comunitárias, não permitindo que se transformem em moeda de barganha política. Uma vez assegurados tais direitos, as rádios comunitárias poderão desempenhar o duplo papel de informação e formação.

Voando mais alto, aflorou no Encontro o desejo de criar-se uma rede maior de comunicação entre as CEBs com o uso da Internet ou instrumento semelhante. Para alimentá-la, constituir-se-ia um banco de dados de interesse das CEBs e movimentos populares. A globalização da comunicação pelas infovias pode também ser instrumento de libertação, desde que manejado por interesses dessa natureza.

A proximidade com as culturas e religiões afro-brasileiras e indígenas tornou-se questão relativamente pacífica para os participantes, posto sejam conscientes de que o mesmo não vale de suas bases. Nesse sentido, urge esforço de conhecimento, valorização, respeito a tais culturas e religiões. Mais. As próprias liturgias e vida das CEBs podem enriquecer-se delas, sobretudo quando são constituídas por pessoas originadas da raça negra e/ou indígena.

Mais fácil pareceu a aproximação com o catolicismo popular. A mesma fé facilita reconhecer nas diversas formas religiosas sua raiz última comum. As diferenças na simbologia, apesar de serem exteriormente mais manifestas, ocultam aspirações profundas comuns. É por esse lado que se pode dar a aproximação com mútuo enriquecimento. Se, em alguns casos, as CEBs secularizaram-se, poderão, em contacto com o catolicismo popular, recuperar o significado religioso de muitas de suas práticas. E, por sua vez, o catolicismo popular poderá ultrapassar fronteiras alienantes em que algumas de suas expressões ficaram presas por medo da influência das CEBs.

A problemática político-social

O confronto com a realidade social atravessou, durante todo o tempo, todos os blocos. São comunidades que vêm da base, onde o sistema capitalista neoliberal pesa mais fortemente. Evidenciou-se com

toda clareza uma repulsa geral ao atual projeto do governo. O Plano Real já não ilude ninguém. Vive-se a fase do desencantamento para os que ainda nele esperavam e de confirmação para os anteriormente críticos. Em que pese as estatísticas nacionais a favor da popularidade do Projeto do atual Governo, no Encontro a tônica foi totalmente outra. Uma rejeição frontal da política econômica atualmente vigente.

Os discursos dos políticos soam para as CEBs cada vez mais desmoralizados pela evidência dos fatos. 71,76% dos entrevistados sobre a corrupção eleitoral sob a forma de venda dos votos consideram que, nos seus municípios, todos ou quase todos os candidatos a prefeito e a vereador cometeram esse crime nas últimas eleições (12,9% afirmaram que todos; 58,8% quase todos e 27,75% só alguns e unicamente 0,5% que nenhum candidato comprou votos para eleger-se). As ofertas mais comuns são cestas básicas, materiais de construção, consultas e tratamentos médicos, pagamento de contas atrasadas e dinheiro em espécie. A amostragem atingiu pessoas de todos os cantos do país.

Sob o aspecto político, a presença do MST revelou-se significativa, real e simbolicamente. Bonés e bandeiras agitavam-se. Mas o mais importante foi a presença física de Diolinda Alves de Sousa, esposa de José Rainha. Ela serviu para avivar na memória de todos o julgamento condenatório de José Rainha a 26 anos e 6 meses de prisão. Por unanimidade foi aprovada numa das Assembléias gerais, uma moção exigindo justiça e isenção para o próximo julgamento.

O MST exerceu o efeito-demonstração. Se ele conseguiu mover a opinião pública de todo o país em torno da Reforma Agrária e obrigar o Governo a refazer sua pauta e acelerar a Reforma Agrária, por que então não desfraldar uma outra grande bandeira que tivesse o mesmo efeito? Acenou-se para a de uma Saúde pública e de qualidade para todos.

As CEBs têm consciência de que se se articulam como rede, entre si e com outras forças populares, podem aumentar muito sua influência na criação e promoção de um grande projeto utópico de interesse do povo. Esta idéia está germinando. Só será viável se surgir um pólo integrador que ainda não se delineou.

Por sua vez, elas já se encontram presentemente envolvidas com muitas práticas libertadoras, ora em nível estritamente comunitário, ora em conexão com outras forças sociais. Nesse sentido, elas entram num processo maior semelhante ao que se verifica no campo econômico por meio do florescer de micro e pequenas empresas, franquias e terceirizações, até em nível familiar, como novas soluções para o desemprego, o desenvolvimento.

Enfim, apesar de a situação econômica ser extremamente dura e desfavorável para os mais pobres, as CEBs vislumbram soluções, pelo menos emergenciais, por meio de iniciativas comunitárias. Muitas já estão em curso e foram narradas, despertando em muitos o desejo de fazer o mesmo em suas comunidades.

Lacunas e interrogações

O VIII Intereclesial de Santa Maria deixou a perplexidade do diálogo inter-religioso, do sincretismo, da dupla pertença religiosa e dos anseios das mulheres por uma participação efetiva na instituição eclesial.

O primeiro ponto encontrou um desaguar pacífico no IX Intereclesial, se não na reflexão teórica, ao menos, nas celebrações e na convivência. Já se tornou uma questão tranqüila para as lideranças, tanto a realidade ecumênica, como o diálogo inter-religioso. Diferentemente será junto às bases, onde certamente ainda existem resistências.

Quanto à questão de gênero, a situação foi outra. Foi notado que apesar de a maioria dos participantes terem sido mulheres, a problemática estritamente feminista não foi levantada a não de ser de passagem. Não ganhou nenhuma relevância especial. Houve, sim, o gesto belíssimo de uma pastora presidir a Celebração dos evangélicos e ler o evangelho da Liturgia Eucarística de clausura.

A questão de gênero, embora pertença ao dia-a-dia das CEBs, parece que ainda não foi tematizada por elas, de modo crítico, como nos setores médios da sociedade e da Igreja. Foi sinalizada a desproporção acentuada de homens entre os assessores. Nesse sentido, foi pedido para o próximo tanto o aumento do número das assessoras, como criar um espaço especial para as crianças das diversas idades, totalmente ausentes dos Intereclesiais.

O IX Encontro foi momento de profundo congrassamento entre as CEBs e os bispos presentes. Com presença discreta, participação nas atividades, despojamento de todo protocolo, eles testemunharam estima, apreço, esperança nas CEBs. Expressaram também tal atitude por meio de uma carta.

No entanto, não se pode fechar os olhos para um nível de tensão latente entre certos membros da hierarquia episcopal e/ou presbiteral e as CEBs. Em vários momentos, afloraram queixas, ressentimentos de que o apoio hierárquico se deslocou para outras pastorais e movimentos à custa do distanciamento diante das CEBs.

Haverá um momento em que esta questão deverá ser retomada com responsabilidade por todos que amam e esperam desse novo jeito de ser Igreja. Não se trata de nenhum modismo, nem mesmo de um movimento que passa com certa rapidez, mas de um processo germinal, que L. Boff chamou acertadamente, logo nos seus inícios, retomando uma expressão de Y. Congar, de "eclesiogênese".

Conclusão

A civilização ocidental encontra-se numa situação de profundas transformações a ponto de falar-se de um novo paradigma. É o processo mais que bimilenar do triunfo da razão objetivizante, analítica e instrumental que parece exaurir-se, dando espaço a uma nova racionalidade frutiva, inaugural, comunicativa. No bojo desse gigantesco processo oceânico, a barca da Igreja navega com o lastro antigo. As CEBs parecem anunciar algo de profundamente novo que permitirá a fé cristã velejar em inúmeros pequenos barcos com muito mais autonomia, liberdade, criatividade, vitalidade. No transatlântico único da Igreja católica, era fácil identificar os sinais visíveis da sua identidade. Num oceano imenso, o risco de cada barco sulcar as águas sem referência de nenhum norte é grande. Até hoje as CEBs conseguiram caminhar em íntima união com as referências fundamentais da fé. Mas nada na história é mágico, nem Deus intervém para além de nossas liberdades e responsabilidades. Não se pode irresponsavelmente brincar com a história nem imaginar que nossa ignorância ou a-criticidade redima os fatos. As CEBs podem ser esta chance que o Espírito outorga à nossa liberdade. Mas não vingarão sem ela. É esse grande alerta à responsabilidade da Igreja do Brasil pelo dom maravilhoso das CEBs que ecoa desse IX Encontro. Só o futuro dirá até que ponto fomos lúcidos e estivemos à altura desse brotar esperançoso de comunidades pequenas, de pobres e sofridos, que querem viver a autenticidade da fé cristã no coração da realidade social.

Endereço do Autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 — B. Planalto
31.720-300 Belo Horizonte — MG
e-mail: isiprof@africanet.com.br